

O novo Senado

A té 1982 o Senado dominou o noticiário político. Esta ascensão começou em 1974 quando foram eleitos 16 senadores do PMDB, em parte pela campanha de anticandidato do deputado Ulysses Guimarães, em parte pelo uso livre do rádio e da TV. Alguns que vieram não tinham renome parlamentar, nem eram conhecidos. Outros, como Marcos Freire e Paulo Brossard, despertavam grandes esperanças. Da ARENA (PDS) sobreviveram ao vendaval oposicionista, entre outros, Jarbas Passarinho, Petrônio Portella, Teotônio Vilela e José Sarney.

Os novos senadores surpreenderam. Parecia incrível que o Rio Grande do Norte houvesse desprezado o inesquecível Djalma Marinho para escolher o marinho Agenor Maria, mas este acabou sendo, pela honestidade de suas posições e pela devoção aos problemas do povo, um dos melhores senadores dos anos 70. Estranhou-se a vitória de Gilvan Rocha, um médico desconhecido, contra as oligarquias de Sergipe, mas a sua atuação parlamentar a justificou.

O senador Itamar Franco destacou-se, logo, pela firmeza de propósitos, honestidade e tenacidade com que lutava pelos ideais oposicionistas. Foi dele o projeto extinguindo a denúncia vazia, uma aberração legal contra os inquilinos, que sustentou em debates sucessivos. Foi uma época em que o Senado não deixou jamais de ter sessões dinâmicas, com o Governo sendo acicatado diariamente pelos oposicionistas que, como Evelásio Vieira, Leite Chaves, Mendes Canale, Evandro Carreira e Mauro Benevides, não se curvavam, nunca, aos desejos do Governo.

A grande estrela oposicionista do período foi Paulo Brossard. Secundavam-no os senadores Roberto Saturnino, sempre brilhante nas discussões econômicas e sociais, e Marcos Freire, que jamais recebeu o arbítrio. Certa feita Marcos Freire estava presidindo a sessão quando começaram a fotografá-lo e filmá-lo de diversos ângulos. Corria em todo o Congresso, naquele momento, a versão de que acabara de ser cassado. Ele não se incomodou, permanecendo impávido, com a mesma firmeza com que cumpriu todo o seu mandato.

A estrela, porém, era Brossard. As bancadas, tanto a de imprensa quanto a de visitantes, ficavam repletas. Teatral

nos gestos, corajoso em seus posicionamentos, contundente em suas denúncias, Brossard empolgava a Nação a partir da tribuna do Senado. Ele jamais fez qualquer concessão ao Poder. Após o recesso de abril, Brossard fez uma trilogia sobre o constitucionalista do Riacho Fundo, o então presidente Ernesto Geisel, que há de ficar nos anais parlamentares como um de seus momentos mais altos.

Defrontavam-no, na árdua defesa do Governo, os senadores Petrônio Portella, Jarbas Passarinho e Eurico Resende, cada um com seu estilo. Os mais afamados debates foram os realizados entre Brossard e Passarinho, hoje amigos pessoais, quase fraternos. Eram famosos e os jornais chegavam a anunciar os debates, como espetáculo a ser visto. Brossard tinha a vantagem da simpatia popular pela causa oposicionista, mas ninguém procurava saber quem havia vencido a disputa. Esgrimitas famosos, sentiam prazer no duelo das inteligências.

A passagem de Teotônio Vilela para o PMDB, frustrado com o arbítrio, foi um reforço considerável. Era, Teotônio, uma torrente de inteligência a derramar o liberalismo jorrante de cada partícula do ser. O martírio do câncer tornou ainda mais emocionantes seus discursos, sua luta infatigável contra a Trilateral. A revolta contra Reagan foi admirável. A proposta para que o poderoso presidente norte-americano ficasse de castigo, escrevendo cem vezes, "Brasil, capital Brasília", para saber que não estava na Bolívia, é inesquecível.

Isso foi de 1975 a 1982. E o novo Senado? O Novo Senado achou correta a designação de Governador para o Distrito Federal com base em lei prementada de 1960 e até recebeu, com grande felicidade, a "visita de cortesia" do escolhido que já tomou posse. Hoje, apreciará a mensagem do presidente, nomeando-o para Governador. Tudo não passou de acerto para salvar o Presidente da República, induzido em erro. Ele não ficou desmoralizado, a Constituição sim. Uma escolha reveladora.

MÉRITO

Nisio Tostes, que resolveu, com inteligência e habilidade o problema da Gráfica do Senado, passa a integrar, a partir de hoje, a equipe do ministro Pedro Simon.

JOÃO EMILIO FALCÃO